

## Capítulo XXXIV - OS LENÇÓIS NEM ESTAVAM TÃO AMARROTADOS

Eu me sentia soterrado pelo acúmulo de decepções, com a sólida convicção que não havia mais alternativas para procurar a minha namorada. Nos meus pensamentos, abria-se até um espaço para me penitenciar por ter gerado um excessivo otimismo, após ouvir a recomendação da náufraga que me identificou no Iate, para que eu viesse até o Sol & Mar.

Todo esse sentimento de pessimismo, no entanto, sofreu um primeiro abalo gigantesco, quando a jovem, sentada junto à porta de entrada do restaurante, proferiu uma simples pergunta: “ Você é o Helio? ”

O que a teria levado a dirigir essa indagação para uma pessoa que ela não conhecia? O normal seria ela ter perguntado qual era o meu nome. Mais ainda, de forma surpreendente, a frase tinha um claro tom afirmativo, como se a jovem já soubesse que a resposta seria afirmativa. Será que, finalmente, aquele momento representaria o elo criado por Ele, para dar coerência e sentido à recomendação que eu recebera da náufraga no Iate?

Com o coração jorrando esperanças e os olhos bem atentos, prontos para tentar, inclusive, uma leitura labial, caso os ouvidos colapsassem como consequência de incontida emoção, eu dei a resposta positiva: “Sim, sou eu”.

Um leve sorriso se formou nos lábios da jovem, como se a pergunta feita para mim tivesse atingido o centro de um alvo que só ela via. E, mais uma vez, uma onda de otimismo voltou a permear as células do meu corpo, aguardando pelo prosseguimento do diálogo e clamando para que ele fosse bafejado por notícias alvissareiras. Não passava pela minha cabeça que a jovem iria dizer, após eu confirmar o meu nome, que autoridades estavam à minha procura para fazer o reconhecimento do corpo de Ana.

Confirmando as minhas expectativas, a jovem, provavelmente sem se dar conta da dimensão do impacto que as suas próximas palavras iriam ter no meu já fragilizado estado emocional, disse: “A sua namorada sobreviveu”.

## Capítulo XXXIV - OS LENÇÓIS NEM ESTAVAM TÃO AMARROTADOS

O milagre, pelo qual eu tanto implorara no meu íntimo, com insistentes pedidos a Deus em formato de orações para que eu mantivesse a fé, estava acontecendo ali, na porta do restaurante, durante a primeira madrugada de 1989, tendo somente quatro pessoas emocionalmente dilaceradas como testemunhas.

Os tremores e calafrios se intensificaram por todas as partes do meu corpo, ao mesmo tempo em que uma vibração concentrada na região clavicular dava a nítida sensação que uma pesada montanha, sustentada pelos meus ombros e recheada de culpas e responsabilidades, começava a se esfarelar, percorrendo os meus braços em direção às pontas dos dedos.

Viver os próximos segundos após aquela incrível notícia, representava também, um teste de autocontrole, depois de ser impactado por emoções marcantes: em respeito ao momento de profunda apreensão que a jovem estava passando, pela incerteza sobre o que acontecera com a mãe, eu não podia extravasar toda a minha alegria por ter ouvido aquela frase abençoada. Além disso, depois de acumular seguidas decepções, eu precisava de pelo menos uma confirmação, por parte da jovem, a respeito de Ana estar viva, para não me frustrar novamente.

Este pedido de ratificação precisava ser feito com muita delicadeza, de forma a não demonstrar que eu estaria duvidando da sua afirmação. Expliquei, então, que me sentia muito tenso, sem ter notícias da Ana e, em seguida, pedi para que ela comentasse um pouco mais sobre o que acabara de me dizer. A jovem confirmou que o nome da naufraga era Ana e que estava usando um vestido azul.

Mais uma vez, e diante da confirmação que acabara de receber, a minha vontade era de abraçar a jovem, porque a montanha, que crescera sobre os meus ombros durante a noite, sem qualquer controle, já havia se esvaído integralmente. Mas, contive-me, de novo, pelas circunstâncias do difícil momento que ela vivia.

Restava, então, uma última pergunta da minha parte, para que a jovem retornasse ao convívio das amigas: onde estava Ana?

## Capítulo XXXIV - OS LENÇÓIS NEM ESTAVAM TÃO AMARROTADOS

Ela explicou que algumas pessoas que vieram do Iate, ao chegarem no Sol & Mar, ouviram as preocupações de Ana por não ter notícias sobre o seu namorado. Ao me descrever, as pessoas disseram que tinham visto um naufrago com essas mesmas características físicas no píer do clube, procurando por alguém. Quando ouviu esse relato, Ana externou seu desejo de ir se encontrar comigo no Iate. Um casal, diante da ansiedade que ela demonstrava, ofereceu-se para levá-la de carro até lá. Como a rota para chegar ao clube era diferente do percurso que eu fiz a pé, houve o desencontro.

A jovem tentou me tranquilizar ainda mais, dizendo que Ana voltaria para o restaurante, caso não me encontrasse no Iate, pois ela, gentilmente, havia oferecido o apartamento da sua família para Ana passar a noite, se tivesse dificuldades para obter informações sobre o meu paradeiro.

Eu agradei muito a inestimável ajuda que a jovem havia dado para retirar da minha consciência o enorme peso que carreguei durante aquelas horas terríveis, ignorando o que se passara com Ana, a ponto de não ter mais nenhuma dúvida sobre a sua morte. E afirmei que a minha vontade de a reencontrar era tão intensa que não suportaria ficar ali, esperando pelo seu retorno.

Pedi, então, a jovem, caso ocorresse um novo desencontro e Ana voltasse ao restaurante sozinha, que ela lhe dissesse que eu retornaria ao Sol & Mar, em seguida.

Antes de voltar ao Iate, e pensando na possibilidade de acontecer outro desencontro, decidi mudar o meu carro de posição, colocando-o em cima da calçada, bem em frente à entrada do Sol & Mar, numa clara sinalização para Ana que eu estava vivo e tentando achá-la. Afinal, se a minha namorada demorasse a retornar para o restaurante, a jovem que me dera a notícia que ela sobrevivera poderia decidir ir para casa antes de ela voltar, ao concluir que eu e Ana estaríamos juntos em pouco tempo, sendo desnecessário abrigá-la em seu apartamento.

A manobra não foi difícil, porque as chaves do carro permaneceram no bolso da minha calça mesmo após o voo do convés do Bateau. Aproveitei para deixar os meus sapatos e meias dentro do veículo, pois considereei que me movimentaria melhor com as mãos desocupadas, apesar de levar em conta os riscos de contusão nos pés por estar descalço na rua e, posteriormente, circulando no Iate.

## Capítulo XXXIV - OS LENÇÓIS NEM ESTAVAM TÃO AMARROTADOS

Feita a troca de posição do carro, retomei o já conhecido percurso no asfalto da Avenida Pasteur. Mais 500 metros a serem vencidos, em ritmo leve de corrida, na direção do clube.

Ao entrar no late, notei que a movimentação de pessoas e viaturas tinha se reduzido, situação que facilitaria localizar Ana. Assim que cheguei nas proximidades do cais, o meu caminhar foi interrompido por alguém que me segurou pelo braço.

Era um jornalista da TV Globo que havia sido designado para cobrir a tragédia. Provavelmente, por me ver descalço e sem camisa, que havia tirado antes de iniciar a corrida de retorno, ele indagou se eu era sobrevivente e me pediu para conceder uma entrevista. O jornalista alegou que só tinha conseguido conversar com náufragos estrangeiros e que eles tinham dificuldades para explicar o que realmente havia acontecido, desde a saída do Bateau Mouche do píer do restaurante.

Eu aleguei que não podia falar, porque estava procurando a minha namorada, desde quando o barco virou. Ele, então, prometeu que seriam poucas perguntas, insistiu mais um pouco sobre a importância do meu depoimento, e acabei concordando.

De fato, a promessa foi cumprida e, além disso, evitou replicar as minhas respostas com novas perguntas sobre um aspecto já abordado. No meio da entrevista, ele indagou sobre quantas pessoas eu estimava que teriam perdido suas vidas no naufrágio. Eu pensei durante uns três segundos e disse, com base em tudo que passei e vi: cinquenta.

Liberado daquele imprevisto, eu circulei por todo o píer e áreas adjacentes, poupando-me de retornar às instalações do necrotério. Concluí, depois de uma nova busca no local, que Ana não estava mais lá.

Esta constatação de ausência me causou uma certa apreensão, porque ao retornar de carro pela Avenida Pasteur, ela teve a oportunidade de me identificar enquanto corria, pois compartilhamos a mesma pista, embora em sentidos contrários. No entanto, a informação que a jovem tinha passado sobre a minha namorada era muito precisa para que a fé de encontrar Ana viva fosse abalada.

Restava-me, então, voltar ao restaurante. E assim decidi, na firme convicção de que seriam os últimos 500 metros correndo na Pasteur. Ao iniciar o trajeto, eu não pensava mais na entrevista concedida à TV Globo, que, àquela hora, estava sendo editada para ser repetida em rede nacional durante boa parte do dia, na forma de depoimento esclarecedor do naufrágio.



## Capítulo XXXIV - OS LENÇÓIS NEM ESTAVAM TÃO AMARROTADOS

O final da Avenida Pasteur, próximo ao restaurante, é em leve descida, e esse detalhe incentivou-me a aumentar a velocidade para visualizar logo a entrada do restaurante e tentar identificar Ana à minha espera. No entanto, o muro alto de um posto de gasolina, que se prolongava até quase o asfalto, cobria a fachada e toda a ampla calçada recuada do Sol & Mar.

Ao contornar o muro, com o coração parecendo querer saltar do meu peito, pude, então, constatar que Ana, com o seu vestido azul e de pé ao lado do carro, me esperava para o reencontro triunfal, em celebração que unia os dois heróis sobreviventes à tragédia.

Lágrimas, beijos, muitos beijos, amparados por um longo e apertado abraço, agiram como portadores das mútuas manifestações em comemoração à vida.

Extenuados, decidimos que o melhor a fazer era voltar para casa. Diante da minha iniciativa de procurar a jovem que havia me dado a incrível notícia, para lhe agradecer, mais uma vez, pela iniciativa de retomar a conversa comigo na porta do Sol & Mar, Ana comentou que ela já tinha ido embora, ainda sem notícias da mãe.

Enquanto dirigia o carro, contei a Ana sobre as minhas inúmeras tentativas de lhe encontrar. Ela disse que teve grandes dificuldades para voltar à tona, depois que todos os passageiros caíram a um só tempo na água, junto com mesas, cadeiras e outros objetos volumosos. Mas, após superar essa grave situação, nadou até a traineira e não ouviu os meus insistentes chamados. Sim, ela sabia nadar. A traineira, com sérios problemas de estabilidade, como eu observara, conseguiu, enfim, ancorar no píer do Sol & Mar para desembarcar os naufragos que resgatara.

Ao chegar em casa, boa parte do extremo cansaço físico e emocional foi neutralizada por um banho morno, que agiu como um bálsamo para os nossos corpos. Dispensamos uma refeição mais substancial e rezamos uma prece de agradecimento a Deus por estarmos vivos e sem sequelas.

Colchão, travesseiros e lençóis deixados esticados ainda pela manhã, compuseram a incrível sensação de estarmos flanando no nirvana.

# FIM

## Capítulo XXXIV - OS LENÇÓIS NEM ESTAVAM TÃO AMARROTADOS

### Agradecimentos

Agradeço à Sociedade Brasileira de Salvamento Aquático – SOBRASA, na pessoa de seu Diretor Técnico, Dr. David Szpilman, pela inestimável oportunidade que me concedeu de publicar a minha história sobre o naufrágio do Bateau Mouche em 36 capítulos;

Ao medalhista olímpico, nadador Djan Madruga, amigo desde sempre, pelo incentivo permanente para que o meu relato sobre a tragédia, do qual tomou conhecimento em detalhes, fosse escrito e divulgado;

A todos que acompanharam as postagens semanais dos Capítulos.

### Dedicatória post scriptum

Ao meu amigo especial, engenheiro químico Ernesto Carrara Jr., falecido vítima da Covid-19, com quem compartilhei a produção de um livro que nos encheu de orgulho, por suas constantes demonstrações de inesgotável motivação, seriedade profissional e compromisso com as soluções dos problemas brasileiros que enfrentou ao longo da sua brilhante carreira.



Menos de 90 dias depois do naufrágio e para demonstrar que não restaram traumas psicológicos, Ana e eu descemos as corredeiras do rio Paraibuna, praticando um esporte conhecido como rafting. Em um momento de calmaria no rio, de outro barco inflável, Ana tirou a minha foto dentro d'água.